

Lucésia Pereira



A alma desencantada das ruas

Lucésia Pereira¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar fragmentos da vida cotidiana de Florianópolis, na década de 1930, enfatizando algumas incongruências entre práticas e discursos que marcaram a fisionomia daqueles anos. A abordagem proposta baseia-se nos escritos literários do poeta Trajano Margarida.

Palavras-chave: Cidade – Poesia – Trajano Margarida

Abstract

The aim of this article is to present fragments of Florianópolis' daily life in the thirties emphasising some contradictions between practice and discourse that marked those years. The approach was based on the literary works of the poet Trajano Margarida.

Keywords: City – Poetry – Trajano Margarida

“Não há nos versos meus o sufocado
Da dor. Da dor que lentamente nos crucia
Não há nem o lamento apaixonado,
Nem mesmo a queixa ideal da poesia (...)”

Trajano Margarida, *Soneto*.

As cidades são lugares ambíguos onde muitas vidas disputam, no mesmo espaço, valores e práticas relacionados a questões como sobrevivência, lazer e afetividade. Tais disputas, via de regra, são marcadas por tensões de natureza diferente, muito embora nem todos os embates apresentem vencedores. Neste texto, pretende-se focar a cidade de Florianópolis, na década de 1930, buscando ressaltar, especialmente, projetos que ficaram esquecidos e

¹ Graduada em História, em 1998, pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação do Prof. Dr. Luis Felipe Falcão.

“que chegam ao leitor como fratura exposta que não comporta retoques”². Estes, não obstante, deram motivo e forma ao desencanto que não se restringiu àqueles tempos, mas que continuou a contornar existências que ainda hoje perambulam aparentemente sem um lugar e sem mesmo um propósito.

Para efetuar esta abordagem, optou-se por utilizar como principal fonte escritos literários, mais precisamente os versos, crônicas e letras de músicas carnavalescas do poeta Trajano Margarida. Sobre a utilização deste material como fonte para a pesquisa, cabe salientar dois aspectos. Em primeiro lugar, o de perceber a obra literária como uma tentativa de representação do “real”, estando indissociavelmente ligada ao contexto em que foi produzida. De acordo com esta primeira premissa, é necessário situar as muitas representações históricas que pontuam o trabalho de Trajano Margarida. Afinal, “basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza”³.

O segundo aspecto a ser salientado diz respeito ao fato de que estudar a história de qualquer cidade, nos anos 30, implica numa passagem obrigatória por um dos emblemas do período, a *modernidade*. E, como contraponto às práticas que foram decorrentes do projeto modernizante pensado pelas elites florianopolitanas, na tentativa de afinar o passo com os modos de sociabilidade instaurados em outros centros, como o Rio de Janeiro, optou-se por trazer à baila as incongruências que deram uma fisionomia dissonante ao dia-a-dia da cidade. O lugar de observação residiu na produção literária de Trajano Margarida, pois a obra deste poeta é significativa, além de possibilitar a compreensão acerca do convívio marcadamente ambíguo que se estabeleceu entre o que era considerado novidade e as muitas sobrevivências do “velho”, na perspectiva das camadas pobres da população. Seus escritos, descaradamente sintonizados com a vida urbana, se contrapõem às constantes estigmatizações de lugares e pessoas considerados desajustados aos padrões em voga no imaginário das elites locais. Trajano Margarida, na ambivalência das palavras, representou uma cidade repleta de contrastes. Expressava amargura e ironia diante das desigualdades, das inquietudes e tensões que marcaram a trajetória daqueles anos.

Para tanto, as impressões acerca da cidade, registradas pelo autor, em sua maioria são adversas àquelas que mostram os jornais, concedendo a

² PRADO, Antônio Arnoni. *Mutilados da Belle-Époque*. in: Schwarz, Roberto. Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

³ Schwarz, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

oportunidade da cidade mostrar a multiplicidade de personagens que por ela transitavam, impossibilitando qualquer tentativa de conferir graus de importância para estes atores sociais. Neste sentido, Trajano Margarida deu uma exterioridade ‘democrática’ para seus textos, permitindo que por eles desfilassem pessoas de todos os grupos. São mulheres, velhos, crianças, soldados, comerciantes, bêbados, prostitutas e mendigos, que,

“Forçados pela lei que, bárbara, assassina,
Que fere, esmaga e oprime aos pobres desvalidos,
Aos que a sociedade austera, má, ferina,
Transforma em simples réus, excluídos e banidos(...)”⁴

Escritos como este podem ser melhor entendidos quando analisados os dados biográficos que permitem mapear o lugar social que Trajano ocupava em Florianópolis, dando visibilidade às circunstâncias que cercaram sua vida, das quais entende-se que seus escritos são uma referência.

Trajano Margarida nasceu em Florianópolis, em 16 de janeiro de 1891. Sobre sua infância, a maior parte das pistas foram por ele mesmo deixadas, na forma de poemas, nos jornais da cidade, entre os anos de 1935 e 1936. Estes escritos faziam parte de um livro, intitulado “Reminiscências”, que o poeta supostamente publicaria em 1936. Como sugere o próprio título, os versos que compunham a obra são inspirados em lembranças de sua vida e o palco destas memórias é a cidade de Florianópolis nas primeiras décadas deste século.

Cidade pequena, cujo centro urbano restringia-se à Praça XV e imediações, Florianópolis vivenciou o início do século XX praticamente sem modificações no plano material. Sua base assentava-se, a exemplo dos últimos decênios do século XIX, sobre o comércio, abastecido sobretudo pelo movimento portuário e pelas atividades da administração pública.

Mediante este quadro de desenvolvimento econômico precário⁵, para as elites locais tornava-se um desafio superar a condição provinciana e atingir o compasso da modernidade, a exemplo de outras capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, se por um lado o sonho de alcançar a cidade próspera e higienizada viabilizava-se parcialmente através de obras como a

⁴ Os dois morféticos. Trajano Margarida. *Dia e Noite*, 25/12/1939.

⁵ Conforme Victor Antônio Peluso. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* n. 3 1981: “(...) em 1914, Florianópolis possuía 606 casas comerciais. A indústria restringia-se à produção de bens de consumo - móveis, chapéus de sol, torrefação de café, telhas de cimento, vinagre, bebidas, sabão, caramelos, fogos de artifício, cigarros, massas alimentícias, refinação de açúcar, gelo. Grande firma existente na cidade instalara, em 1896, a fábrica de pregos e, em 1907, o estaleiro da Arataca”.

Ponte Hercílio Luz e a urbanização da avenida de mesmo nome, por outro, estas novas concepções urbanas, segundo alguns comentários estampados nos periódicos da época, tinham que conviver diariamente com inúmeras cenas que traziam à tona a condição da capital como “uma aldeia do tamanho de uma cidade”⁶.

Segundo nos demonstram os jornais da época, coube às populações pobres uma grande parcela de responsabilidade pelo atraso da cidade “comprimida entre o esplendor azulínio de suas baías de orelhas sórdidas e malcheirosas”⁷. Um dos argumentos constantes nestas críticas visava, sobretudo, as atividades de sobrevivência engendradas por estes indivíduos. Cabe lembrar que as populações que residiam em locais considerados distantes - como, por exemplo, Rationes, Ingleses e Pântano do Sul - de maneira geral trabalhavam na agricultura, pesca e criação de animais, tendo, em alguns casos, o centro da cidade como local de comércio de seu excedente.

Aquelas camadas pobres que viviam nos bairros próximos ao centro, como o Toca, Largo Treze de Maio e Morro do Mocotó, lugares que “pertencem à cidade que Deus esqueceu”⁸, ocupavam-se com as mais diversas atividades pelas ruas centrais. Eram vendedores ambulantes, carregadores no porto e mercado, pombeiros, lavadeiras, pintores e empregadas domésticas, demonstrando, assim, a pouca oferta de trabalho existente fora da esfera da informalidade.

Na luta pela sobrevivência, os laços familiares eram imprescindíveis e as crianças compunham um elo fundamental nesta cadeia, formando um contingente de trabalhadores que tinha como ambiente de trabalho as ruas, praças e avenidas. A necessidade, portanto, obrigava, desde muito cedo, estes pequenos trabalhadores a circularem pela cidade para engraxar sapatos, vender jornais, torrãozinho, pinhão, balas... Trajano Margarida cumpria, então, o vaticínio de grande parte de outros meninos mulatos e pobres - “Desde criança, estracinhou-se para não ter o estômago à meia haste, que é como quem diz: - vazio! Como o inigualável Machado de Assis gritou: - Baleiro! - nas ruas de Florianópolis.”⁹

Conforme pode-se perceber em toda sua obra, a lembrança dos tempos em que circulava pelo centro de Florianópolis a vender o torrãozinho foi bastante freqüente. Nestas passagens estão refletidas - sem muito conformismo, haja vista o tom de aparente desabafo com que são relatadas

⁶ Aldeia ou cidade? *O Estado*, 12/08/1935.

⁷ Quadro Roceiro. *O Estado*, 20/03/1935.

⁸ A cidade. *A Gazeta*, 03/04/1935.

⁹ Trajano Margarida - Poeta e seresteiro. *Revista Anuário Catarinense*, 1950, p. 124, 125.

- a insegurança diante da precária condição material que envolvia sua família.

Após cursar o magistério, Trajano Margarida trabalhou alguns anos como professor adjunto¹⁰. Porém, sendo a renda insuficiente para arcar com os gastos da família, conseguiu uma vaga de amanuense, na Secretaria do Interior e da Justiça, permanecendo neste ofício até a sua aposentadoria, em 08/03/1941. Sua carreira de funcionário público junto à citada repartição foi das mais tensas, como revelam as suspensões¹¹ que sofreu. Uma destas suspensões ganhou publicidade no jornal “A Gazeta”, no ano de 1935:

“No seu último soneto, o popular poeta, dizia que, agora, o seu bloco não era o mesmo do ano passado, arrematando com estes dois tercetos:

“Seremos da folia os extra-numerários.
E, para não vestir a fantasia de urso,
Iremos de roupão de simples funcionários.

O Bloco é da pontinha um grupo de escolhidos,
Que, sem ter pretensão a Taça do Concurso,
Contente ha de gritar: - Bloco dos Preteridos¹².”

É difícil estabelecer as razões precisas que culminaram com a atitude do chefe da repartição, como também é complicado averiguar os “motivos que não vêm a pelo esmiuçar”¹³ e que acabaram por impedir que Trajano Margarida ascendesse a um cargo que considerava seu por direito. Assinalava a notícia do jornal A Gazeta:

“(…) soubemos que, há tempos, aberta a vaga de Diretor do Interior e Justiça, com o falecimento de nosso pranteado conterrâneo sr. José Rodrigues Fernandes, pleiteou-a o poeta, arrimado, ao que se diz, no critério de promoção, estatuido para o caso e por ser o 1º oficial mais antigo da repartição. O

¹⁰ Informação dada por Nelson de A. Coelho, num comentário sobre Trajano Margarida, escrito para a Revista Anuário Catarinense, 1950, p.124, 125. Segundo consta também no livro 8º de Assentamentos, da Secretaria da Fazenda p.51 (Arquivo Público do Estado), Trajano ocupou a função de professor provisório entre 1912 e 1914.

¹¹ Conforme os livros de Assentamento 8º, 10º e 16º da Secretaria da Fazenda (Arquivo Público do Estado), o funcionário Trajano Margarida foi suspenso em 25/03/1919 por 15 dias, em 27/04/1919 por 3 dias, em 18/02/1935 por 08 dias e, em 28/11/1941 por 3 dias.

¹² Castigado pela publicação de um soneto, o popular poeta Trajano Margarida. A Gazeta, 19/02/1935.

¹³ Idem

governo, entretanto, por motivos que não vem a pelo esmiuçar, nomeou para o exercício do cargo o nosso confrade Gustavo Neves”

Contudo, não é novidade a imensa gama de preconceitos que compunham o pensar e o fazer das elites locais, pois os mesmos saltam aos olhos nos jornais e revistas, sendo trazidos à baila às vezes de maneira sutil, procurando legitimar-se através das teorias racistas presentes em discursos científicos, onde práticas higienistas apareciam como via de mão única para a cura do corpo e da mente da população considerada pobre, doente e incivilizada. Em outras circunstâncias, os preconceitos eram propagados de modo bem evidente, sem explicitar qualquer justificativa. Estes não se restringiam ao tom da pele, mas também à condição social.

Deste modo, a cultura da camada menos favorecida era encarada pela elite como inadequada aos ditames de sua noção de estética. Os comentários acerca da produção literária de Trajano Margarida revelam esta teia discursiva construída a fim de estabelecer os limites entre os produtos da “cultura por excelência” e aquela procedente de indivíduos que não possuíam as insígnias da distinção: “Insistimos em registrar que, desatento aos mestres do vernáculo, Trajano deixou, por isso, de ser um poeta de classe. Houvesse lido bons autores, estamos certos que teria sido um bom bardo clamorante e perfeito e fortalecido, capaz de imprimir às suas produções muita força e muita vida”¹⁴. Carregados de um tom benevolente, como que compadecidos da sua compulsão em escrever, comentários como este alertavam, nas suas entrelinhas, a sua incapacidade em tornar-se, a qualquer tempo, um mestre nas artes do vernáculo.

Situação semelhante foi vivida pelo também catarinense Cruz e Sousa, que teve de conviver com os preconceitos desta elite: “sabemos que muitos versos de Cruz e Sousa não têm explicação, por isso lhes falta essência, idéia funda”¹⁵. Percebe-se, nesta situação, uma continuidade entre os contextos históricos vividos por ambos, ainda que guardadas as devidas especificidades. Uma das hipóteses sobre o que representava esta circulação estabelecida entre o mundo letrado das elites e o universo que Trajano Margarida, assim como Cruz e Sousa, recaí sobre esta desqualificação à qual suas obras estiveram sujeitas. No caso de Cruz e Sousa, nem mesmo a notoriedade que seu trabalho alcançara junto a outros intelectuais na capital federal, especialmente após

¹⁴ Trajano Margarida - Poeta e seresteiro. *Revista Anuário Catarinense*, 1950, p. 124, 125.

¹⁵ Altino Flores, um dos membros fundadores da Academia Catarinense de Letras. Citado por: ARAÚJO, Hermetes Reis. *A invenção do litoral*. São Paulo: PUC, 1989.

sua morte, em 1898, impediu o articulista local em formular seu elogio às avessas.

Trajano Margarida escreveu intensamente nos anos 30: “Às vezes, de esfuziote, sentado num dos bancos do nosso ‘Oliveira Belo’ escrevia sonetos que, sem o menor retoque, mandava às redações dos diários da terra”¹⁶. Os escritos são os mais variados, como letras de músicas carnavalescas e poemas comemorativos. Sobre a cidade, de modo mais regular, tem-se os versos intitulados “Três Por Dia”, compostos de três tercetos e publicados em “A Gazeta”, durante os anos de 1935 e 1936, e no “Dia e Noite”, em 1939. A singularidade destes pequenos poemas reside no intento de revelar o que pairava nos botequins, bares, cafés, ruas e praças por aqueles dias. Trajano capturou estes ares citadinos procurando imprimir aos 85 versos, que formam a totalidade desta obra, um tom humorado e saudosista.

O lugar onde o poeta situa os enredos e os figurantes destas crônicas são os aparatos da cidade, as lojas, os recantos de lazer, de trabalho, de religiosidade. Aludia a ambientes que eram referências diárias por constarem dos itinerários obrigatórios do ir e vir cotidiano, como o Mercado Público e o bonde, ou até mesmo àqueles nos quais a frequência não se dava por nenhuma razão necessária, mas por serem espaços de convivência e sociabilidade, como o Café Java, o Bar Miramar, a Confeitaria do Chiquinho, os cinemas e outros.

Os temas enfocados são múltiplos: o carnaval, a carestia de vida, as contendas entre conhecidos, os bastidores das disputas entre os clubes de remo, os parcos rendimentos dos funcionários públicos e toda a sorte de matérias. Apesar da relevância dada pelos jornais a ocorrências que extrapolavam a esfera local, nas crônicas de Três Por Dia estes fatos apareciam reelaborados, ganhando ares de miudeza cotidiana na conversa com os conhecidos:

“Na terra dos ‘Casos Raros’
(Não é que eu queira falar)
Dão-se cousas que admiram
Que nos fazem arrepiar.
Pois os nossos Deputados

Num gesto que julgam justo
Pleiteiam calmos, ditosos,

¹⁶ Revista Anuário Catarinense, 1949. p.90.

- Mais uma ajuda de custo.¹⁷

Assim como a cidade, Trajano Margarida oscilava entre dois mundos, mostrando os desfechos tragicômicos de artefatos que já carregavam o estigma de pertencer ao passado. Uma ocorrência reveladora, a propósito do contexto modernizador, foi a circunstância que envolveu “os bondinhos, estes infelizes bondinhos, que têm a sua velhice amargurada pela gana dos poderosos e a existência condenada pelos rigores exigentes do progresso...” O comentário, carregado de dramaticidade, já prenunciava, em 1932, o desfecho deste meio de transporte que iniciou, em 1880, a sua circulação pela cidade, tendo seu ocaso quando estudantes atiraram dentro d’água os veículos, em protesto à sujeira deixada nas ruas pelos animais. Trajano, comentando o ocorrido em *Três Por Dia*, critica a perfectibilidade do novo:

“(…) Ontem vendo a Limitada
Com seus ônibus velhinhos
A quebrarem todo o dia,
Nos buracos dos caminhos

Lembrei-me que a vinte cinco
(Lembrei-me mesmo sem mágua,)
Faz um ano que botaram
O bondinho dentro d’água¹⁸

Nas entrelinhas de versos como este, Trajano Margarida “brincava” com as carências do viver moderno em Florianópolis. Suas anotações quanto ao desempenho de certos serviços urbanos mostram um indivíduo em nada deslumbrado e tampouco defensor dos acenos da modernização. E, se estas pistas são insuficientes para afirmar que nosso autor se situava numa espécie de contracorrente da modernidade, elas, contudo, demonstram que o mesmo soava como voz dissonante ao coro que as elites intelectuais e políticas entoavam para a cidade.

Trajano Margarida circulava por diferentes esferas dentro da cidade, o que em parte lhe fornecia subsídios à formulação de suas críticas. No que se refere à face mais pobre, os morros da cidade já apresentavam ocupação em 1876, porém, nas primeiras décadas deste século, quando o então Governador

¹⁷ Três por dia. A *Gazeta*, 04/10/1935.

¹⁸ Três por dia. A *Gazeta*, 23/09/1935.

Hercílio Luz resolveu canalizar o Rio da Bulha, atual canal da avenida que leva o seu nome, a ocupação acentuou-se. A remodelação da avenida obrigou as populações pobres que ali viviam a se deslocaram para os morros, mesmo porque esta era uma opção que poderia mantê-los próximos aos locais de ganha pão. Todavia, nos anos 30, pouco se parecia conhecer a respeito do desenrolar da vida nos morros: “Há de parecer, a olhos menos observadores, que, por lá os dias fruam como cá baixo. Mas não. A gente do morro olha a cidade de cima, vive na sua disposição topográfica, naturalmente, adquirindo diferentes aspectos psicológicos”.¹⁹ Movido pela curiosidade em desvendar segredos deste “outro mundo”, o cronista relata sua impressão após subir as ladeiras da diferença, quando, naturalmente, a ocasião é aproveitada para apregoar e perpetuar as desconformidades entre ambos os cenários. Os critérios do comentário misturam uma série de elementos que eram corriqueiros ao período, como a influência do espaço na formação do caráter. Enfim, ele expressa alívio ao atingir paragens mais seguras, onde a geografia a sua volta é incumbida de lhe dar a tão almejada segurança, arrematando: “(...) E a gente desce, com a sensação de que se vai libertando do ambiente curioso, para o conforto maior da planície menos castigada, da falta de higiene, mais regular na geometria de suas construções”²⁰. Por sua vez, numa de suas músicas carnavalescas, Trajano Margarida, ao referir-se a estas áreas, conclamava diferentes referenciais, que insinuam uma idéia de força e resistência:

“Pelo morro do Hospital
Mocotó subindo vai
Mocotó é duro e forte
Mocotó sobe e não cai²¹”

Dentre as vozes que se levantaram nesta paisagem multifacetada percebe-se a presença de muitos silêncios, denunciando o quão excludente foi o processo de pretensa modernização que se tentou instaurar em Florianópolis. Quadro este no qual Trajano Margarida foi uma das poucas exceções, como é percebido quando se confronta a visão de modernidade, expressa em determinados comentários jornalísticos, com aquela presente nas obras do poeta. Entrementes, esta inadequação das camadas populares aos projetos

¹⁹ A vida nos morros. **Dia e Noite**, 18/04/1939.

²⁰ A vida, nos morros. **Dia e noite**, 18/04/1939.

²¹ **A pátria**, 22/01/1932.

modernizantes - que faz “tantas vidas serem mesquinhas e pobres, é não saber o homem, por ignorância, aproveitar-se de todos estes maravilhosos inventos”²² - e que parece tão natural na observação das elites letradas, ocorreu devido a circunstâncias já dadas no âmbito social, e, na imensa maioria dos casos, não dependeram de escolhas individuais. Não obstante, diante dos inevitáveis choques, motivados pelas resistências entre vivências tão distintas, os grupos dominantes continuaram a fornecer uma dimensão um tanto difusa da condição de desigualdade que pairava sobre a cidade.

Assim sendo, ao comparar a fisionomia urbana subjacente à obra de Trajano com o quadro singelo da cidadezinha litorânea e seu povo amigável, vivendo da generosidade da natureza, sem muito esforço percebe-se que esta imagem é bastante distorcida, ou, no mínimo, grandemente exagerada, pois apresenta um esboço homogêneo e tranqüilo da cidade, coisa impensável, como se procurou evidenciar, num território de espaços segregados. E a voz de Trajano Margarida, abafada pelo peso da poeira dos escaninhos letrados da memória, caso liberta, pode descortinar o vulto de todo um passado encoberto:

“Quem vive sob o peso atroz da luta ardente,
Das mil desilusões ferinas e maguantes,
Quem vive sob o apôdo hostil de certa gente,
Ferido pelo ardor das linguas difamantes; (...)”²³

Os últimos anos da vida do poeta foram marcados por um profundo sentimento de tristeza pela morte, em 1942, de seu único filho. As rimas, que durante a década de 30 esboçavam um tom satírico, tornaram-se espelho do seu desalento: “(...)Trajano envelheceu rápido. Escarmugiu-se do público. Tornou-se catacumbio. Enfermou depressa. Dele ninguém soube mais pelos cafés.(...)”²⁴. Buscando angariar fundos para construir um túmulo para o filho, percorreu as ruas da cidade a vender um livreto²⁵, publicado, em 1943, pela Imprensa Oficial do Estado:

“Escrevi, com tristeza, os versos que aqui vão.
Neles pus todo o ardor de uma alma lacerada.
E dei tudo o que em mim floriu de inspiração”²⁶

²² A utilidade do telefone. *Correio do Estado*, 11/02/1935.

²⁷ Meus anos. *Trajano Margarida. Diário da Tarde*, 16/01/1936.

²⁴ Trajano Margarida - Poeta e seresteiro. *Revista Anuário Catarinense*, 1950, p. 124, 125.

²⁵ MARGARIDA, Trajano. *Nelson*. Fpólis: Estabelecimento Gráfico Brasil, Ltda. 1943.

²⁶ Idem.

O ponto final do relacionamento de Trajano Margarida com a cidade vem com sua morte, em 14 de fevereiro de 1946. Sua última estrofe denuncia, em contornos amargos e com uma sensibilidade que a seus críticos sempre foi invisível, aquilo que aqui chamamos de desencanto:

“ Neste instante, a fumaça, em curvas desiguais,
Desenhou com desdém, num gesto de ironia,
Estas frases cruéis: - É tarde! ...Nunca mais!..²⁷”

Não obstante, os cenários que o neto da ex-escrava Geralda²⁸ celebrou nos seus poemas concederam um lugar a atores bem pouco requisitados por um roteiro que, durante muito tempo, manteve fora de cena um grande número de personagens. Estes foram esquecidos. Afinal trilhavam os esburacados caminhos urbanos na contramão dos anseios da elite, compondo cidades paralelas, ora nos morros, nas procissões religiosas, nas trouxas de roupa suja, ora mendigando ou driblando as contingências do cotidiano.

²⁷ Desilusão. Trajano Margarida. *Revista Atualidades*, março de 1946.

²⁸ Trajano Margarida se refere a sua avó em dois poemas que supostamente fariam parte do livro *Reminiscência*, um deles sem título, publicado pelo jornal “A Gazeta”, em 27/09/1935. O outro poema, intitulado *Novenas de maio*, publicado no mesmo jornal, em 21/09/1935, diz o seguinte na primeira estrofe: “Sentada num cantinho escuro da cozinha / E, quasi sempre olhando o fogo no fogão, / Vovó sem ser feliz, cantava a Ladainha / Que mais a consolará em sua escravidão”